

DEVIR: DO ACASO AO AUTOCONHECIMENTO

Iasmin Helena dos Santos¹

O que faz alguém seguir nas manhãs nubladas, impulsionado a comemorar, como carnavais, as noites medianas de outono? Apesar do salgado da lágrima, o que sensibiliza esse mesmo alguém, empaticamente, com o outro, chorar de felicidade? O que resta quando partimos? O que permanece, apesar dos sonhos cravados na pele vivida?

Humanidade.

A percepção de semelhança no outro, desnudar o véu que o encobre enquanto externo, tecendo-o como extensão, comunhão. Introjetada no âmago do inconsciente e refletido no decorrer do ato de inspirar, até que, sem delongas, haja o findar do último expirar. Ao passo que o apego em estar e prolongar-se fez com que prevalecesse, não obstante, compete refletir sobre o abismo que pode estar conduzindo-o ao tentar, a todo custo, permanecer. Doravante, o que habita humanidade, passa a vida pensando em viver ou como continuar a existir nas lembranças dos que virão, ademais, um contínuo querer ser lembrado como um intervalo de felicidade em meio as incertezas. Ora! Dada a sentença a humanidade, produziremos vacinas para novas doenças até quando o antídoto falhar? A humanidade resistirá?

Os condenados à liberdade de Sartre, hoje confinam-se, trazendo inquietações que, indubitavelmente, circundam o pensar desde os mais longínquos tempos de outrora, as quais, todavia, ainda não foram supridas em seus anseios. O ser pensante que tende por natureza conhecer, à luz de Aristóteles, agora dar-se-a como objeto de estudo, remete-se ao marco do primeiro levantamento antropológico, filosófico e existencial feito por um outro grande Antigo, Sócrates, o indivíduo volta-se para si, já

¹ Pesquisadora em Ciências da Religião no programa de pós-graduação fomentada pela CNPq, a graduanda bolsista de Bacharel em Filosofia pela PUC-Campinas, dedica-se também aos estudos de psicanálise e neurociência de modo conciliador e acrescentativo em sua formação



não procura fora e essa retomada insistente a sua história se faz necessária, vide a progressiva construção do ser humano na remota trajetória de sua existência.

É notório que, assim como se aprende com o passado, muito se desenvolve a partir dele e, principalmente, por intermédio da interiorização, desde as meditações de Descartes até a psicologia profunda, muito bem explanado por Carl Jung em sua máxima “Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”. Autoconhecimento continua a ser o melhor par de lentes que o homem provara e há de provar para ver a si e a realidade, tornando-o senhor de suas fragilidades agora trabalhadas e apaziguando seus demônios internos, adiante, amansados e domesticados. Conhecer-se, inevitavelmente, conduzirá ao aprimorar-se. E, a par de, no âmbito deste deturpado cenário atual, ainda associado ao pensamento de Jung, “Nossas preferências não determinam o que é verdade”, o sujeito se torna passível de adaptação para a sua preservação, reinventando-se em suas circunstâncias, ora, com tempo para limpar em baixo dos tapetes, ora, desfrutando o conforto de lar para reinventar-se em sua morada.

Com tudo, a nova aurora bate à porta e a espera se encontra ainda no crepúsculo. Todavia, a humanidade em seu cuidar se oportuna no interiorizar para com o consigo e no outro, uma possibilidade de superação, característica que acompanha o berço da humanidade. Diferentes realidades estão por vir e transacionar a relação com mundo e o olhar com singularidade do eu é o que o faz ser quem é e como esse ser humano se porta perante a imprevisibilidade ininterrupta do devir.

